



REVISTA
Casa da
GEOGRAFIA
de Sobral
ISSN 2316-8056

EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS DOS CURSOS SUPERIORES DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Evolution and trends of higher courses in geography in Brazil

Evolución y tendencias de los cursos superiores de geografía en Brasil

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v28.1159>

Rodrigo Coutinho Andrade¹

Histórico do Artigo:

Recebido em 24 de junho de 2025

Aceito em 12 de janeiro de 2026

Publicado em 11 de maio de 2026

RESUMO

Observa-se nos últimos anos uma tendência dos cursos superiores de Geografia no Brasil em relação à dinâmica quantitativa, ao número de ingressantes, matriculados, inscritos, e concluintes – abrangendo o bacharelado e a licenciatura. Isto tem provocado, mesmo que ainda de forma tímida, hipóteses sobre o “apagão docente” e a diminuição da demanda pelos cursos superiores do nosso campo científico diante da subtração de estudantes. Porém, mesmo que os dados sobre a temática acenem para tal intento com oscilações concebidas a partir do ano de 2023, existem elementos conjunturais que carecem melhor apreciação para a sustentação de tais assertivas. Neste sentido, tomamos como objeto de estudo a evolução das Instituições de Ensino Superior (IES), indissociável do corpo discente em suas especificidades, ante à expansão da Educação a Distância (EaD) como modalidade de ensino de profunda capilaridade na última década, evidenciando os cursos de Geografia como área para a análise, objetivando examinar a redefinição do *quantum* dos fatores introdutoriamente elencados. Trata-se de uma pesquisa básica, de cunho explicativo, que se insere na categoria bibliográfico-documental, onde nos debruçamos de modo fortuito sobre dados institucionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Como resultado, podemos afirmar que está ocorrendo uma ampliação da captura da EaD, ao lado da “retomada” dos cursos presenciais de Geografia.

Palavras-Chave: Cursos Superiores de Geografia. Educação a Distância. Ensino Superior.

¹ Professor do Departamento de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM-UFRRJ); Programa de Pós-Graduação em Geografia – FFP-UERJ; Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos contemporâneos e Demandas Populares – UFRRJ. E-mail: rodrigoandrade@ufrj.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3765-4828>



ABSTRACT

In recent years, a trend has been observed in higher education Geography courses in Brazil regarding the quantitative dynamics, the number of new students, those enrolled, registered, and those graduating – encompassing both bachelor's and teaching degrees. This has provoked, albeit still timidly, hypotheses about a "teacher shortage" and a decrease in demand for higher education courses in our scientific field due to the reduction in students. However, even though the data on the subject point to such an intention with fluctuations conceived from the year 2023 onwards, there are conjunctural elements that require better appreciation to support such assertions. In this sense, we take as our object of study the evolution of Higher Education Institutions (HEIs), inseparable from the student body in its specificities, in the face of the expansion of Distance Education (DE) as a teaching modality with profound capillarity in the last decade, highlighting Geography courses as an area for analysis, aiming to examine the redefinition of the quantum of the factors listed above. This is a basic, explanatory research study that falls within the bibliographic-documentary category, where we fortuitously examined institutional data from the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira (INEP). As a result, we can affirm that there is an expansion in the adoption of distance education, alongside the "resumption" of in-person Geography courses.

Keywords: Higher Education Geography Courses. Distance Education. Higher Education.

RESUMEN

En los últimos años, se ha observado una tendencia en los cursos de Geografía en la educación superior brasileña en cuanto a la dinámica cuantitativa, el número de nuevos estudiantes, matriculados, registrados y graduados, tanto en licenciaturas como en magisterio. Esto ha suscitado, aunque tímidamente, hipótesis sobre una "escasez de docentes" y una disminución de la demanda de cursos de educación superior en nuestro campo científico debido a la reducción del alumnado. Sin embargo, si bien los datos sobre el tema apuntan a tal intención, con fluctuaciones previstas a partir de 2023, existen elementos coyunturales que requieren una mejor apreciación para sustentar tales afirmaciones. En este sentido, tomamos como objeto de estudio la evolución de las Instituciones de Educación Superior (IES), inseparables del alumnado en sus especificidades, ante la expansión de la Educación a Distancia (EaD) como modalidad de enseñanza con profunda capilaridad en la última década, destacando los cursos de Geografía como área de análisis, con el objetivo de examinar la redefinición de la magnitud de los factores mencionados. Se trata de una investigación básica y explicativa, de carácter bibliográfico-documental, en la que, por casualidad, examinamos datos institucionales del Instituto Nacional de Estudios e Investigaciones Educativas Anísio Teixeira (INEP). Como resultado, podemos afirmar que existe una expansión en la adopción de la educación a distancia, junto con la reanudación de los cursos presenciales de Geografía.

Palabras clave: Cursos Superiores de Geografía. Educación a Distancia. Enseñanza Superior.

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta da continuidade das pesquisas sobre o trabalho docente no Brasil, incluindo o processo formativo inicial-continuado dos professores, tomando como principal motivação dois fatores pertinentes ao exame da evolução dos cursos, das matrículas, dos ingressantes, e dos concluintes nas-das Instituições de Ensino Superior (IES) de Geografia em nosso país. A primeira razão se delimita, em parte, ao fenômeno intitulado "apagão docente" no Brasil² conforme um estudo realizado pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São

² No qual tomamos como principal referência o estudo elaborado pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP) (SEMESP, 2022), que prevê uma demanda de 240 mil docentes no ano de 2040 ante o cenário analisado de retração das matrículas e concluintes nos cursos de licenciatura no Brasil.

Paulo (SEMESP) (SEMESP, 2022), no qual se tomou como premissa conjuntural para a retração futura dos professores da Educação Básica, no médio prazo, a combinação entre o desinteresse dos jovens em seguir a carreira de professores, o envelhecimento do corpo docente, e o abandono da profissão devido às condições de trabalho (SEMESP, 2022, p. 4) – elemento que concordamos literalmente. Fato que tem impactado de maneira “significativa” os cursos de licenciatura em razão da queda dos ingressantes nas instituições presenciais – principalmente jovens –, da ascensão do protagonismo da Educação a Distância (EaD) ante à captura das matrículas, da redução do número de concluintes, e da ampliação da taxa de evasão – sendo esta mensurada em 29,9% no ano de 2020 (SEMESP, 2022, p. 12).

O mesmo estudo, que toma como principal referência os dados do Censo da Educação Superior sistematizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas e Educacionais Anísio Teixeira (INEP) entre 2010 e 2020, indica resultados passíveis de arguições acerca do “apagão docente” em si – mas não sobre o protagonismo da EaD ao longo dos últimos anos –, vide a progressiva ampliação dos ingressantes entre 2010 e 2019, onde houve o “salto” de 279.155 discentes capitaneados principalmente pela modalidade à distância, que absorveu 73,2% dos ingressantes em 2020, enquanto em 2010 o mesmo dado alcançou 34,1% (SEMESP, 2022, p. 8), inexorável do ritmo da presença de jovens até 29 anos nos espaços formativos superiores – presença destes que ascendeu de 284.302 em 2010 para 409.332 no ano de 2019, sendo majoritário na EaD a partir de 2018. A mesma conclusão se extrai ao analisarmos o total de concluintes, que expandiu entre 2010 e 2019 de 233.306 para 254.007 respectivamente, com maior concentração na modalidade à distância a partir de 2019 (SEMESP, 2022, p. 12). Logo, trata-se de retração total ou expansão da EaD em sentido abrupto na última década? Se for o último o elemento hipotético, cabe inverter a discussão do apagão para o crescimento da EaD – o que verificaremos em relação aos cursos superiores de Geografia.

No que tange os cursos de licenciatura em Geografia – parte do objeto central desta pesquisa – o estudo do SEMESP (2022) aponta que a taxa de evasão em 2020 foi de 28%. Esse índice é ligeiramente inferior à média geral de 29,9%, superando apenas os cursos de Biologia (26,8%) e Computação (26,7%). No contexto comparativo das ciências que compõem o currículo escolar, a Geografia apresenta um desempenho relativamente positivo, o que é corroborado pelos dados acerca da desistência acumulada entre 2014 e 2023 (Tabela 1), onde o curso mantém índices menos críticos que áreas como Matemática e Física.

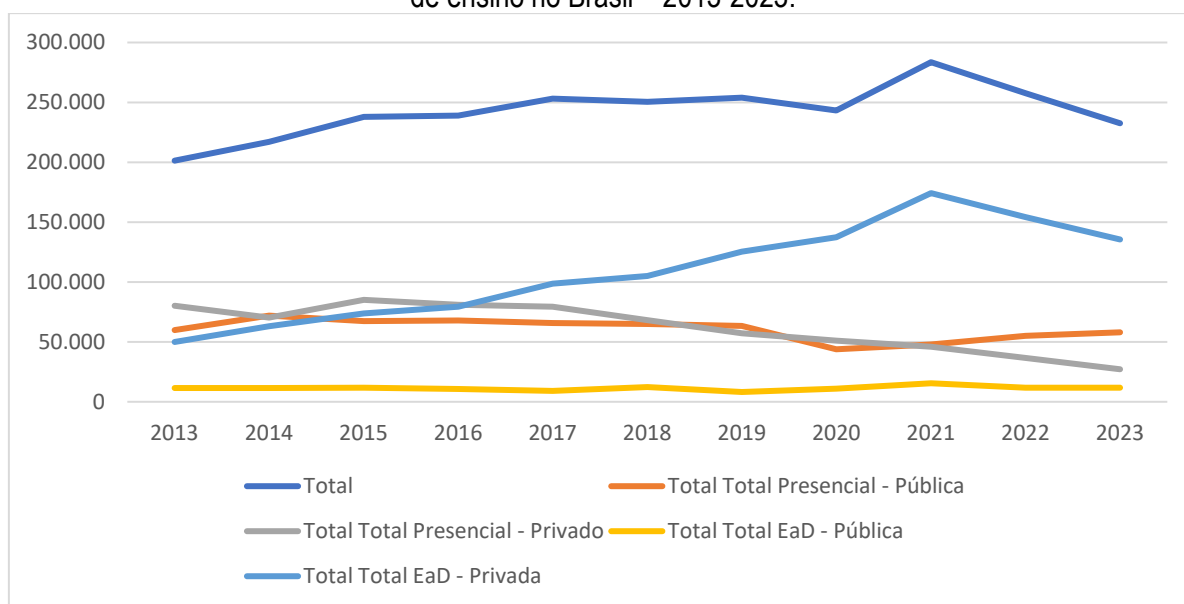
Tabela 1: Percentual da taxa de desistência acumulada em cursos de licenciatura no Brasil – 2014-2023.

Ped.	Artes	E.F.	Biol.	Geo.	L.P.	Hist.	Soc.	Filos.	Quí.	L.E.	Mat.	Fís.
53	57	57	58	58	63	64	65	66	67	67	70	73

Fonte: INEP (2024).

Em relação aos concluintes dos cursos de licenciatura em Geografia, entre 2016 e 2020, houve redução de 6% – queda de 7.807 para 7.336 –, que também foi verificado nos cursos de licenciatura de Biologia – 21,3% –, Ciências Sociais – 11,7% –, Educação Física – 11,7% –, História – 7,5% –, Letras – 10,1% –, e Química – 12,8% –, sendo mais expressivo entre os estudantes com até 29 anos – 19,7%, decrescendo de 3.955 para 3.174 (SEMESP, 2022, p. 16). Tomando a totalidade dos cursos de licenciatura para a verificação de tal tendência em um marco temporal ampliado – 2013 a 2023 –, e comparando os sistemas-modalidades de ensino, verifica-se ritmo crescente até 2021, seguido de grande queda ritmada principalmente pela EaD e pelos cursos de licenciatura privados, enquanto os sistemas públicos contabilizaram tímida ascensão após 2020, o que podemos concluir que o impacto da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 – 2020-2021 – foi mais sentido pelas IES de licenciatura de caráter presencial-público, e a expansão da EaD estacionou nos números pretéritos do fato discriminado.

Figura 1: Total de concluintes nos cursos de licenciatura de acordo com a modalidade e os sistemas de ensino no Brasil – 2013-2023.



Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

Todavia, cabe ressaltar que a pesquisa da SEMESP (2022), e o fatalismo indicado para a carência de 240 mil docentes em 2040, não tratou dos fatos conjunturais da última década. Podemos tomar como exemplo as medidas de ajuste fiscal nas escalas estadual e nacional por meio da Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016 (Brasil, 2016)³, a retração do Produto Interno Bruto no ano de 2015 em “3,8%, em termos reais (descontada a inflação), em relação ao PIB de 2014” (TCU, 2016, p. 1) – sendo que essa “variação negativa foi a maior da série histórica mais recente, iniciada pelo IBGE em 1996” (TCU, 2016, p. 1).

O valor do PIB per capita recuou, em termos reais, 4,6% em relação a 2014, passando para US\$ 8,65 mil. Entre os países que compõem o G20 e os Brics, o Brasil ficou em último lugar em termos de variação do PIB. A despesa de consumo das famílias teve queda de 4,0% em 2015, resultado bem abaixo do verificado em 2014, que registrou crescimento de 1,3% (TCU, 2016, p. 1).

Soma-se a isso a ampliação do endividamento das famílias que, de acordo com os dados da Confederação Nacional do Comércio (CNC), ascendeu 8,4% com contas-dívidas em atraso em 2015, a pressão inflacionária mensurada em 10,67% enquanto a meta preestabelecida foi de 6,5% a.a (TCU, 2016, p. 2), além de outros fatores.

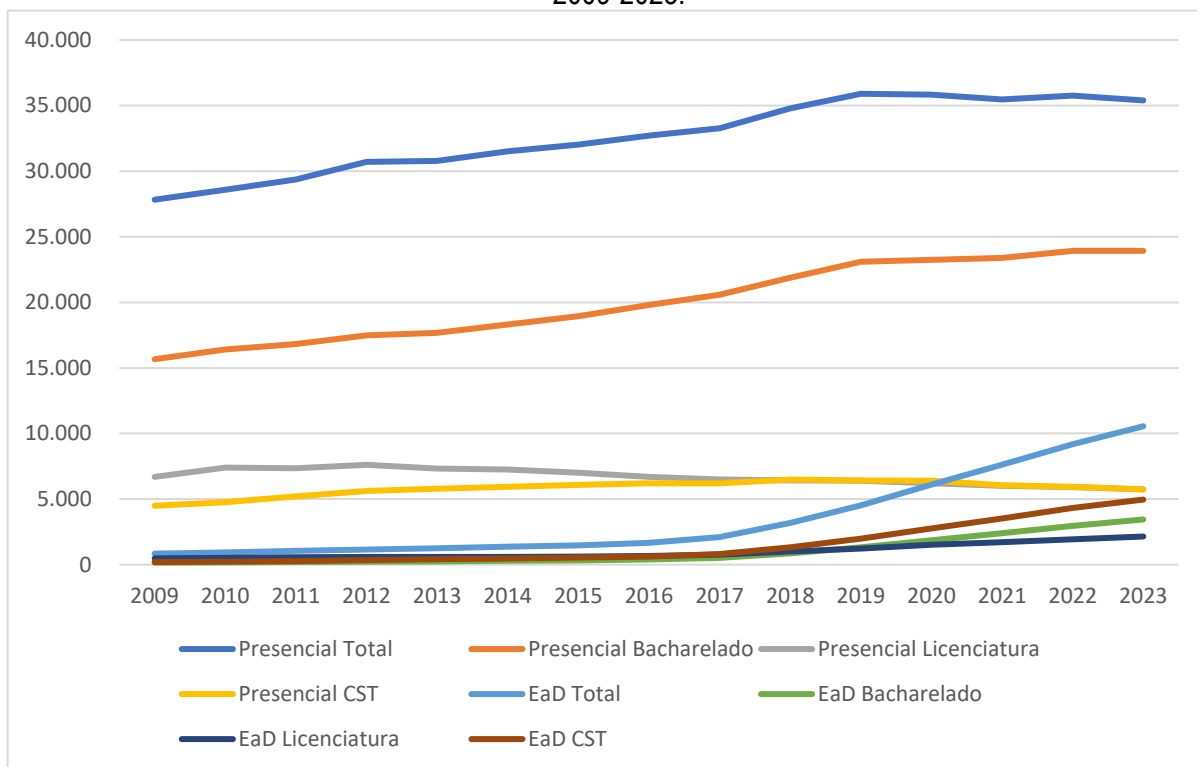
Também se observou sensível aumento do desemprego, com as taxas mostrando-se elevadas nos primeiros sete meses do ano. A taxa do emprego formal em 2015 revela que foram perdidos 1,54 milhão de postos de trabalho com carteira assinada no ano. Os rendimentos médios reais mensais efetivamente recebidos pelos trabalhadores ao longo de 2015 registraram elevada perda de poder aquisitivo. Os setores da Indústria de Transformação, da Construção Civil, de Serviços, e do Comércio foram responsáveis pela redução de 1,52 milhão de postos de trabalho (TCU, 2016, p. 2).

Nesse cenário de fragilidade econômica, o avanço da EaD e o simultâneo declínio das matrículas presenciais não podem ser vistos como fenômenos isolados. O crescimento da modalidade à distância no período – e a conseqüente redução dos concluintes – reflete uma adaptação forçada: diante da inflação e do desemprego, o estudando fora – hipoteticamente – compelido a buscar alternativas de menor custo e maior flexibilidade. Assim, a dinâmica de ingresso e evasão nas licenciaturas é indissociável da conjuntura histórica, cabendo acrescer o aumento da informalidade do labor. O impacto da pandemia de 2020 apenas aprofundou a crise já instalada pelo desmonte orçamentário, exemplificado pela retração de aproximadamente R\$ 4,2 bilhões nas despesas correntes das IES federais entre 2018 e 2022 (Brasil, 2025). Portanto, o “apagão docente” deve ser analisado de modo inexorável da asfixia

³ Cabe exemplificar a crise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no ano de 2017, que a fez perder 54% de candidatos no processo seletivo do mesmo ano em comparação à 2016 (Globo, 2017).

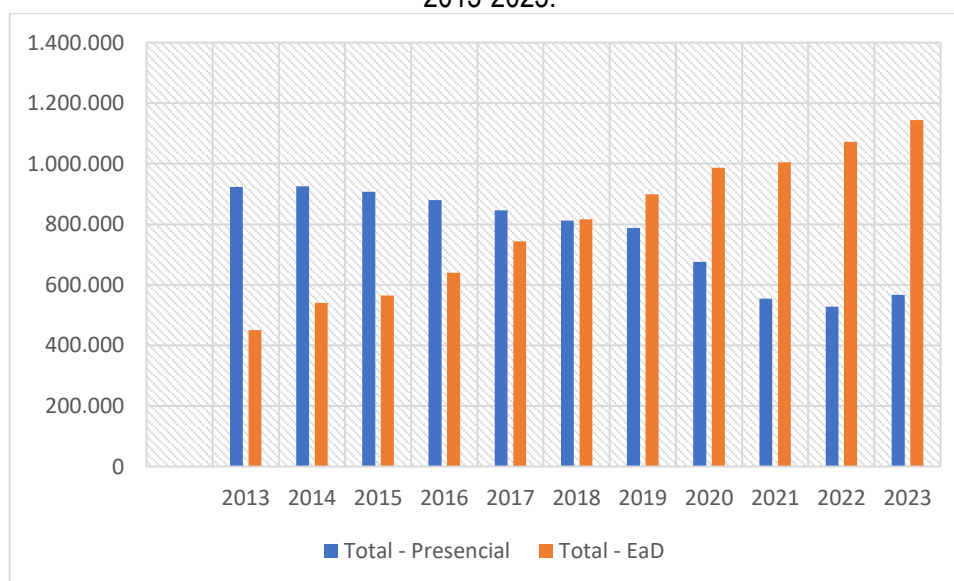
financeira e social que inviabiliza, dentre tantos, o acesso e a permanência estudantil no ensino presencial público principalmente.

Figura 2: Evolução dos cursos superiores no Brasil de acordo com a modalidade e o sistema de ensino – 2009-2023.



Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

Figura 3: Evolução das matrículas nos cursos de licenciatura no Brasil de acordo com a modalidade – 2013-2023.



Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

A segunda razão se consolidou por meio de relatos, mesmo sem a devida comprovação quantitativo-empírica, acerca da retração da demanda em diferentes cursos superiores de Geografia no país em distintos eventos nacionais, como notório no oitavo Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), realizado em julho do ano de 2024 na Universidade de São Paulo (USP), assim como no Seminário Reforma do Ensino Médio, trabalho docente e Ensino de Geografia: o que dizem as pesquisas?, que ocorreu na mesma instituição entre quatro e cinco de novembro do mesmo ano.

Neste sentido, tomamos como objeto da-de pesquisa a (in)evolução dos cursos de Geografia no Brasil, assim como o número de vagas, o quantitativo de candidatos inscritos, a dinâmica das matrículas, e o total de concluintes dentre 2014 e 2023, tendo como elemento primordial para a análise os dados do Censo da Educação Superior disponíveis pelo INEP (INEP, 2024)⁴, centralizando o problema, de modo inexorável da premissa acima exposta sobre o caráter conjuntural, para a forma intencional da reordenação dos fatores elencados no objeto em sincronia com a totalidade dos cursos superiores. Partimos da hipótese de que a redução dos fatores elencados, caso houve – cabe comprovarmos –, retrata uma ofensiva específica-intencional para a recomposição do ensino superior nos ditames da liofilização – *Clean Production*⁵ – organizacional em tempos de “ajuste justo” (Banco Mundial, 2017) – ampliar a escolarização superior com custo reduzido. Logo, cabe perguntar: de fato está ocorrendo uma retração dos cursos, matrículas, ingressantes e concluintes no âmbito da Geografia e na totalidade? Se tal fato não for verdadeiro, qual tendência explícita dada centralidade dos mesmos fatores na contemporaneidade?

De todo modo, objetivamos analisar a (in)evolução do número de cursos, matrículas, ingressantes e concluintes dos cursos de Geografia no Brasil ao longo da última década – 2014-2023 – para evidenciar tendências e recomposições do objeto em si. Trata-se de uma pesquisa básica, de cunho explicativo, ancorado no exame dos dados do Censo da Educação Superior no Brasil sistematizados e disponibilizado pelo INEP.

⁴ A delimitação cronológica no ano de 2023 tem como razão a indisponibilidade dos dados acerca do ano de 2024. O levantamento ocorreu no mês de maio de 2025.

⁵ O *Clean production*, assim como o ohnismo, fazem parte de um mesmo conjunto que sustenta a reestruturação produtiva, por combinar o caráter industrial enxuto com a capacidade de satisfazer as demandas de pequeno porte, incrementando o próprio caráter toyotista de produção diante da intensificação da competitividade (Antunes, 2011, p. 31). No caso da reestruturação dos cursos superiores, isto abarcou um acréscimo marginal de lucro por atender públicos restritos de forma liofilizada-enxuta com o menor custo possível que, de alguma maneira, passaram a se constituir em nichos de mercado significativos, com variações conjunturais-sazonais, ou de modo contínuo com adaptações tendenciais.

O que dizem os dados?

De modo geral, e de acordo com o INEP (INEP, 2025), os cursos de bacharelado em Geografia declinaram nas IES presenciais até 2023, com marco inicial entre os anos de 2015 e 2016, em paralelo à ascensão dos cursos EaD desde 2017-2018. Já em relação aos cursos de licenciatura de cunho presencial no mesmo campo científico, observamos retração contínua entre 2014 e 2022, com acréscimo de apenas em 2023, enquanto na modalidade EaD a ampliação registrou 173,17% no período demarcado em nosso estudo. Isto ocorreu, em relação ao último, sem superar a presencialidade no total e não inferindo significativamente sobre a redução entre 2014 e 2017, cabendo destacar o acréscimo total de 15 cursos no ano de 2023 – sendo apenas um presencial. Porém, o que se verifica em ambos, mesmo que em dados tímidos, é a redução.

Tabela 2: Evolução quantitativa dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia no Brasil – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharelado		
	Presencial	EaD	Total	Presencial	EaD	Total
2014	321	41	362	88	1	89
2015	304	39	343	91	1	92
2016	284	38	322	84	1	85
2017	271	42	313	82	1	83
2018	266	55	321	81	4	85
2019	255	68	323	81	5	86
2020	252	80	332	81	11	92
2021	244	89	333	80	11	91
2022	235	98	333	80	12	92
2023	236	112	348	78	13	91
%	-26,48	173,17	-3,87	-11,26	1.200	-2,25

Fonte: INEP (2025).

Tomando o ano de 2023 como marco, o resultado da processual expansão dos cursos de bacharelado em Geografia na modalidade EaD ocorreu de forma dissimétrica, sendo seis em universidades – uma pública federal e cinco privadas com fins lucrativos –, e sete em centros universitários privados com fins lucrativos. Em outros termos, a expansão tem como centralidade os sistemas privados de ensino superior da tipificação lucrativa, com maior destaque para os centros universitários – que, dentre tantas distinções das universidades, não tem como obrigação a oferta de pós-graduação como rege o Artigo nº 17 do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (Brasil, 2017).

Acerca das IES de licenciatura em Geografia em 2023, 14 cursos foram criados, sendo quatro em universidades – uma pública estadual e três em IES privadas sem fins lucrativos –, oito em centros universitários privados com fins lucrativos, um em faculdade com fim lucrativo, e um no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF).

Sobre a retração dos cursos presenciais de bacharelado em Geografia entre 2014 e 2023 (INEP, 2025), destaca-se a forma pulverizada do fenômeno. No sistema privado sem fim lucrativo a extinção ocorreu em quatro unidades após o ano de 2017, enquanto três encerraram suas atividades em espaços privados com fins lucrativos – em 2023 nenhuma IES deste tipo ofertou este curso. O mesmo aconteceu em uma universidade municipal, em quatro centros universitários – um com fim lucrativo e três sem fins lucrativos –, e em uma faculdade sem fim lucrativo.

Em relação aos cursos de licenciatura⁶, a redução, como conferido na tabela acima, aponta para dados mais significativos. No total 36 ocorreram em universidades – no caso das IES públicas foram 15 federais, duas universidades estaduais, e seis municipais, enquanto nos sistemas privados de ensino superior seis com fins lucrativos e sete sem fins lucrativos –, 11 em centros universitários – dois de cunho público municipal, dois privados com fins lucrativos, e sete em privados sem fins lucrativos –, e 45 faculdades – quatro públicas municipais, 12 privadas com fins lucrativos, e 29 privadas sem fins lucrativos.

De modo geral, o que observamos foi a retração dos cursos presenciais de licenciatura em quase todas as IES, com exceção para as universidades estaduais, os IFs, e os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), em paralelo à ascensão da modalidade EaD em todas as IES e IF-CEFET; enquanto a redução dos cursos de bacharelado ocorreu em todos os espaços – nenhum IF-CEFET ofertou até 2023 –, e o acréscimo só houve na EaD em todas as IES – com a mesma exceção acima.

O mesmo movimento aconteceu com a distribuição-número de vagas para os cursos de Geografia – licenciatura e bacharelado – ao longo dos últimos anos, sendo que no caso das IES na modalidade EaD, mesmo com o quantitativo inferior de cursos, sempre houve maior disponibilidade – o que confirma o óbvio acerca da liofilização – em dados muito superiores principalmente no âmbito das licenciaturas – aproximadamente o quádruplo em 2014 e 14 vezes em 2023, com retração apenas entre 2014-2015 –, o que não descarta sua primazia também no bacharelado após 2018, alcançando superioridade em 2023 no *quantum* multiplicativo de 6,79. Porém, mesmo neste cenário, observamos a ampliação das vagas no bacharelado presencial a partir de 2022, alcançando no ano posterior o maior número, enquanto houve oscilação nas licenciaturas após 2021 mesmo com visível retração.

⁶ Caso não haja referência específica do curso, trata-se da ciência geográfica.

Tabela 3: Evolução do número de vagas oferecidas nos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia no Brasil de acordo com a modalidade – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharelado		
	Presencial	EaD	Total	Presencial	EaD	Total
2014	21.673	87.055	108.728	4.895	141	5.036
2015	22.970	57.120	80.090	4.552	0	4.552
2016	22.890	90.622	113.512	4.483	0	4.483
2017	23.376	89.838	113.214	4.392	0	4.392
2018	22.259	102.849	125.108	4.459	9.650	14.109
2019	18.823	141.138	159.961	4.631	20.249	24.880
2020	16.818	165.460	182.278	4.537	19.170	23.707
2021	15.295	189.296	204.591	3.826	25.827	29.653
2022	16.325	184.292	200.617	3.929	22.757	26.686
2023	15.309	218.380	233.689	4.936	33.527	38.463
%	-29,36	150,85	114,93	0,84	23678,01	663,76

Fonte: INEP (2025).

O fato óbvio reside no crescimento abrupto e contínuo das licenciaturas na modalidade à distância após 2017, se confirmando também nos cursos para a formação de bacharéis em Geografia no mesmo ano. Ao lado, e explicitamente, nota-se uma recuperação da oferta de vagas presenciais após 2022 nos últimos cursos, e ascensão seguida de decréscimo nas licenciaturas de idêntica modalidade em Geografia.

Realizando o mesmo paralelo de acordo com a oferta de vagas para o bacharelado no ano de 2023, no caso da modalidade presencial a totalidade se concentrou nas universidades, sendo 3.569 públicas federais, 1.140 públicas estaduais, e 227 em instituições privadas sem fins lucrativos (INEP, 2025). Acerca da EaD, todas estão nas IES privadas, sendo 8.326 em universidades com fins lucrativos, e 25.201 em centros universitários com fins lucrativos. Em suma, as universidades públicas não ofertam vagas de bacharelado em Geografia na modalidade EaD.

Sobre os cursos de licenciatura em Geografia à distância, considerando o ano de 2023, 116.897 vagas estiveram nas universidades, sendo no escopo público 1.604 na rede federal, 1.047 em instituições estaduais, e 20 nos sistemas municipais, enquanto nas universidades privadas foram ofertadas 102.132 em entidades com fins lucrativos e 12.094 no mesmo ímpeto sem fins lucrativos, 93.924 em centros universitários – 72.438 em instituições com fins lucrativos e 21.486 sem fins lucrativos –, 7.221 em faculdades – 6.116 com fins lucrativos e 1.105 sem fins lucrativos –, e 338 nos IF-CEFET's (INEP, 2025).

Por fim, as vagas na modalidade presencial nos cursos de licenciatura em Geografia se situaram em sua maioria nas universidades públicas – 6.453 nas IES federais e 5.564 nas universidades estaduais

– e nos IF-CEFET – 1.251 –, enquanto a rede privada ofertou 360 vagas em universidades com fins lucrativos e 733 sem fins lucrativos, 395 em centros universitários – 390 em espaços sem fins lucrativos –, 553 em faculdades – 462 em instituições sem fins lucrativos. Em outros termos, a presencialidade é majoritariamente efetivada pelas IES públicas e privadas sem fins lucrativos.

Examinando a relação entre o quantitativo de cursos e o somatório de vagas oferecidas, temos uma conclusão lógica sobre a dissimetria e o ímpeto liofilizador da EaD, que dentre seus aspectos materializa a oferta, hipoteticamente, sem dispor de equipamentos necessários para a formação de geógrafos e geógrafos educadores como laboratórios, salas de aula, espaços físicos para suas atividades cotidianas, assim como atividades de campo. Em outros termos, e de modo simétrico à própria lógica que impera sobre cada modalidade, houve uma discrepância muito significativa tanto em relação à licenciatura, quanto acerca do bacharelado, obedecendo a relação discente-vaga com menor custo possível.

Tabela 4: Relação do quantitativo de cursos e vagas nas IES de Geografia – 2023.

2023	Licenciatura		Bacharelado	
	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>
<i>Vagas</i>	15.309	218.380	4.936	33.527
<i>Cursos</i>	236	112	78	13
<i>Relação vagas-cursos</i>	64,8	1.949,8	63,28	2.579

Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

No entanto, o mesmo não se observa ao analisarmos a evolução dos candidatos inscritos nos cursos de Geografia no Brasil, em relação às distintas modalidades, equiparando o quantitativo de vagas. De modo geral, é inegável o decréscimo significativo nos cursos presenciais entre os anos de 2016 e 2022, com pequena “recuperação” em 2023, em paralelo à expansão dos cursos de licenciatura à distância entre 2015 e 2020 – mesmo após a retração entre 2014 e 2015 –, e dos cursos de bacharelado EaD nos anos de 2018 e 2021, apresentando uma tendência decrescente de modo diferenciado – no caso dos cursos de licenciatura ocorreu entre 2020 e 2023, e acerca dos cursos de bacharelado após 2022. Cabe acrescentar em relação aos cursos de licenciatura que, até o ano de 2020, o maior quantitativo de candidatos inscritos foi superior nos cursos presenciais, sendo esta a regra permanente, no tempo histórico adotado nesta pesquisa, nos cursos para a formação de bacharéis.

Tabela 5: Evolução do número de candidatos inscritos nos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia no Brasil de acordo com a modalidade – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharelado		
	Presencial	EaD	Total	Presencial	EaD	Total
2014	83.467	54.472	137.939	20.927	95	21.022
2015	96.962	20.102	117.064	22.883	0	22.883
2016	90.351	27.549	117.900	20.419	0	20.419
2017	80.948	37.235	118.183	21.357	0	21.357
2018	66.208	30.560	96.768	16.579	1.294	17.873
2019	70.008	37.702	107.710	14.469	1.840	16.309
2020	58.186	52.637	110.823	14.165	2.090	16.255
2021	33.334	33.358	66.692	8.648	3.057	11.705
2022	27.895	36.616	64.511	7.271	2.228	9.499
2023	28.097	29.117	57.214	8.875	2.209	11.084
%	-66,37	-46,55	-58,52	-57,59	2225,26	-47,27

Fonte: INEP (2025).

Como ressaltado acima, a primeira conclusão latente é a retração dos candidatos inscritos, mesmo com as ressalvas apontadas, dentro do “recorte” histórico adotado. No entanto, mesmo ante tamanha magnitude da oferta proporcionada pela capilaridade do formato em si, a EaD tendeu, por razões óbvias, a absorver uma quantidade tímida diante do número de vagas, alcançando frações relativas bem reduzidas na relação entre as oferecidas e o candidatos inscritos. Tal soma, tomando o ano de 2023 como exemplo, alcançou na licenciatura em Geografia à distância uma capacidade de concreção da inscrição mensurada em 7,1% em comparação aos cursos presenciais no que tange à oferta de vagas, enquanto no bacharelado o cômputo alcançou 3,35%. Tal fato nos encaminha para a possibilidade assertiva que se remete tanto para a quantidade de vagas ociosas na EaD em Geografia – o que não ocorre no caso da presencialidade, mesmo com dados próximos a equiparação mínima –, quanto para a possível tendência de ascensão da proporção positiva⁷ nos cursos presenciais – vide o acréscimo em 2023.

⁷ Por limitações do presente estudo em relação à escala, cabe considerar as feições regionais-estaduais-municipais da relação entre as vagas e os candidatos. Por isso ressaltamos que a abordagem trata da escala nacional.

Tabela 6: Relação do quantitativo de vagas e candidatos inscritos nas IES de Geografia – 2023.

2023	Licenciatura		Bacharelado	
	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>
<i>Vagas</i>	15.309	218.380	4.936	33.527
<i>Inscritos-as</i>	28.047	29.117	8.875	2.209
<i>Relação</i>	1,83	0,13	1,79	0,06

Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

A discrepância entre o ensino presencial e a EaD ganha novos contornos quando analisamos as matrículas efetivadas ao longo dos anos de 2014 e 2023 nas IES de Geografia no Brasil. Se o número de inscritos – o que não significa matriculados – acenou para a majoritariedade nos cursos presenciais de licenciatura e bacharelado, os matriculados reiteram esse fato quantitativa e proporcionalmente, mesmo com variações negativas ao longo dos últimos anos. Sobre tal fenômeno cabe considerar que a tendência não é simétrica entre ambos – a presencialidade e a EaD, e o bacharelado e a licenciatura –, e sentida de modo linear-perene no tempo tomado para a pesquisa. Apenas para os cursos presenciais de licenciatura o decréscimo fora contínuo, e mesmo assim foram os que mais concentraram estudantes na totalidade – 54,59% das matrículas nas IES de Geografia ocorreram nos cursos presenciais de licenciatura. Em outros termos, houve um acréscimo de matriculados nos cursos de licenciatura entre 2014 e 2017 diante da maior absorção da modalidade à distância, seguido de queda total após 2018, e a modalidade presencial ainda é o principal pilar formativo nos dois casos – bacharelado e licenciatura.

Tabela 7: Evolução do número de matrículas nos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia no Brasil de acordo com a modalidade – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharel		
	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>
2014	36.576	9.781	46.357	9.463	117	9.580
2015	35.222	11.765	46.987	9.234	67	9.301
2016	33.840	15.298	49.138	9.162	41	9.203
2017	32.710	16.631	49.341	8.834	31	8.865
2018	32.261	16.450	48.711	8.825	317	9.142
2019	32.104	14.809	46.913	8.838	505	9.343
2020	28.900	15.852	44.752	8.086	1.024	9.110
2021	28.894	14.637	43.531	8.028	1.348	9.376
2022	27.823	13.722	41.545	8.111	1.373	9.484
2023	26.812	12.661	39.473	8.072	1.569	9.641

Fonte: INEP (2025).

Ao analisarmos os dados acima (INEP, 2025) concluímos que a menor proporção de matrículas – bacharelado em Geografia EaD – foi a única a contabilizar ascensão ao longo dos anos de 2014 e

2023, enquanto os cursos de licenciatura registraram decréscimo de modo dissimétrico na comparação presencial-EaD. Enquanto os cursos presenciais obtiveram redução mais significativa entre 2014-2015 e 2019-2020, na modalidade EaD isto ocorreu após 2020 como possível tendência contínua, e os IES de bacharelado em Geografia oscilaram após 2017, ano posterior à retração de aproximadamente 630 matrículas.

Já em relação ao número de ingressantes, que representa o “total” anual dos discentes que entraram nos cursos superiores de Geografia, os dados não implicam – quando observado o total – em significativa tendência decrescente como verificado nos estudantes matriculados. Os cursos de bacharelado se expandiram neste fator até o ano de 2020, com retração e ascensão nos anos sucessivos, enquanto no caso das IES de licenciatura em Geografia os dados espelham acréscimo até 2018, com abrupto declínio em 2021, seguido de significativa progressão nos anos posteriores – 3.201 ingressantes a mais entre 2021 e 2023 nos cursos EaD, 3.566 no total, e 365 nas IES presenciais (INEP, 2025).

Tabela 8: Evolução do número de ingressantes nos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia no Brasil de acordo com a modalidade – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharel		
	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>
2014	8.785	8.200	16.985	2.289	76	2.365
2015	9.026	8.968	17.994	2.409	0	2.409
2016	8.346	13.318	21.664	2.243	0	2.243
2017	8.208	11.863	20.071	2.283	0	2.283
2018	8.371	11.877	20.248	2.269	514	2.783
2019	8.424	11.258	19.682	2.399	549	2.948
2020	6.962	12.588	19.550	2.140	904	3.044
2021	5.909	10.428	16.337	1.915	931	2.846
2022	5.750	13.406	19.156	1.894	795	2.689
2023	6.274	13.629	19.903	1.985	910	2.895

Fonte: INEP (2025).

Sobre este fenômeno, o que de fato está ocorrendo é a expansão da EaD frente os cursos presenciais de Geografia, já materializado nos cursos de licenciatura desde 2016 – ano com maior número de ingressantes contando com um salto de 4.350 discentes –, com retrações conjunturais que podem ser imputadas à diferentes razões como exposto na introdução, afetando principalmente os cursos presenciais de licenciatura em 2019. Em certo sentido, observamos coincidências ao analisarmos o número de concluintes nos cursos de Geografia no Brasil, contendo algumas diferenciações ao analisado anteriormente.

De modo geral, o número de concluintes nos cursos de licenciatura oscilou na década tomada como referência. Observa-se sua ampliação entre 2018 e 2019, com quedas e avanços nos anos posteriores, assim como nos pretéritos, não indicando uma tendência contínua com exceção da modalidade presencial – que apresentou decréscimo entre 2014 e 2020, ao lado da EaD que expandiu este número entre 2015 e 2021, seguido de posterior avanço no último ano (2023). Acerca do bacharelado, a modalidade EaD apresentou, em termos relativos, avanço contínuo, enquanto as IES presenciais tiveram significativa queda entre 2019 e 2020, seguido de acréscimo.

Tabela 9: Evolução do número de concluintes nos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia no Brasil de acordo com a modalidade – 2014-2023.

Ano	Licenciatura			Bacharelado		
	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>	<i>Presencial</i>	<i>EaD</i>	<i>Total</i>
2014	4.554	1.910	6.464	1.261	11	1272
2015	4.416	1.623	6.039	1.310	9	1319
2016	4.199	2.712	6.911	1.205	8	1213
2017	4.286	2.360	6.646	1.060	5	1065
2018	4.118	3.768	7.886	1.128	8	1136
2019	4.063	4.344	8.407	1.205	9	1214
2020	2.716	4.378	7.094	775	21	796
2021	2.788	5.179	7.967	897	102	999
2022	3.063	3.357	6.420	866	172	1038
2023	3.202	3.611	6.813	1.067	232	1299

Fonte: INEP (2025).

Novamente a queda quantitativa ocorreu entre os anos de 2019 e 2020 nos cursos presenciais, enquanto houve acréscimo considerável na modalidade à distância, mesmo considerando a retomada

positiva nos anos posteriores, o que indica o impacto da pandemia e, por conseguinte, a efetivação das atividades de forma remota.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a pesquisa realizada pela SEMESP (SEMESP, 2022), e sua tese acerca do “apagão docente” considerando a dinâmica dos cursos, matrículas, inscritos, ingressantes, e concluintes, cabe ressalvas acerca da não consideração da retomada, mesmo que tímida, dos números positivos nos últimos anos considerando a totalidade de ingressantes e matriculados nos cursos de licenciatura, inexorável das condições conjunturais para a retração quantitativa – acredita-se que tal fato se remonte à própria delimitação histórica da pesquisa. O que representa, mesmo em um cenário de intensificação da precariedade docente, a continuidade da procura após o período pandêmico. No entanto, os dados revelam uma transição deste fato, vide o acréscimo dos ingressantes e matriculados concebido nos cursos EaD.

Das mais de 1,7 milhões de matrículas em licenciaturas, 67,1% (1.148.576) foram registradas em instituições privadas e 32,9% (562.407), nas públicas. As matrículas em licenciaturas presenciais representaram 80,3%, no universo da rede pública. Já ao analisar somente a rede privada, verifica-se que 90% das matrículas foram em cursos EaD. Quando se trata do ingresso em cursos de licenciatura, nota-se que, na rede pública, 70,2% deles ocorreram em cursos presenciais. Em contraponto, na rede privada, 93,5% dos alunos ingressaram na EaD (INEP, p. 1, 2024).

Tabela 10: Quantitativo de ingressantes nos cursos de licenciatura no Brasil de acordo com a modalidade de ensino - 2020-2023.

Ano	EaD	Presencial
2020	509.631	186.159
2021	467.917	138.612
2022	643.128	145.987
2023	671.331	155.954

Fonte: INEP (2025).

Tabela 11: Distribuição quantitativa das matrículas nos cursos superiores de licenciatura no Brasil de acordo com a modalidade de ensino – 2020-2023.

Ano	EaD	Presencial	Total
2020	987.229	676.452	1.663.681
2021	1.004.915	643.413	1.648.328

2022	1.071.858	598.053	1.669.111
2023	1.144.039	566.944	1.710.983

Fonte: INEP (2025).

A mesma tendência não se observa no quantitativo de concluintes dos cursos de licenciatura de modo geral, no qual os dados de 2023 se assemelham aos de 2020 no escopo da EaD, e das IES presenciais alcançam algo próximo a 2017 (INEP, 2025). Mas o que podemos ponderar como fato notório é a retração destes-as após 2021 em dados significativos, que pode ser, mesmo que hipoteticamente, em razão do período pandêmico, no qual os cursos à distância alcançaram o maior *quantum* da história (INEP, 2025). Para termos uma noção do fato, a EaD alavancou o número de concluintes total dos cursos de licenciatura em aproximadamente 30 mil discentes entre 2020 e 2021 (INEP, 2025).

Tabela 12: Total de concluintes dos cursos de licenciatura no Brasil – 2020-2023.

Ano	EaD	Presencial	Total
2020	148.463	94.816	243.279
2021	189.711	93.850	283.561
2022	165.943	91.638	257.581
2023	147.369	85.129	232.498

Fonte: INEP (2025).

Com isso queremos reiterar no primeiro momento que o fenômeno em curso nas IES de Geografia, principalmente nas licenciaturas, acompanham uma tendência nacional de migração das matrículas dos cursos presenciais para a EaD, que pode ser compreendido por meio do custo reduzido das últimas em relação ao cotidiano universitário, da própria mensalidade, da flexibilidade do tempo formativo, da capilaridade – vide a distribuição regional das matrículas, concluintes e ingressantes no total dos cursos de graduação –, da falta de tempo para cursar a modalidade regular, das estratégias de marketing, e da influência familiar e-ou de amigos (Borges et. al., 2016, p. 11); o que, por razões óbvias, impacta também no perfil do-as estudantes. Sobre um tema específico:

A mensalidade mais barata dos cursos EAD, apresentou diferença estatística em relação à renda e ao tipo de escola frequentada pelo aluno no ensino médio. Dentro deste grupo, pessoas com renda familiar mensal intermediária (entre R\$ 3.000 e R\$ 4.000), e que realizaram o ensino médio em escola pública (Borges et. al., 2016, p. 18).

O mesmo estudo concluiu que as “pessoas que estudam a distância geralmente são adultos, maiores de 25 anos e possuem ocupação profissional, pois as características da modalidade, como

flexibilidade de tempo e lugar atendem a quem trabalha em tempo integral e tem família” (Borges et. al., 2016, p. 5), evidenciando que “o perfil dos alunos que estudam na modalidade a distância, é composto por pessoas adultas que encontraram na EAD uma alternativa viável de continuar os estudos, conciliando-os com suas ocupações profissionais e familiares” (Borges et. al., 2016, p. 6).

Tabela 13: Quantitativo de ingressantes, matrículas e concluintes dos cursos de graduação no Brasil – 2023.

	EaD			Presencial		
	<i>Ingressantes</i>	<i>Matrículas</i>	<i>Concluintes</i>	<i>Ingressantes</i>	<i>Matrículas</i>	<i>Concluintes</i>
Brasil	3.314.402	4.913.281	591.284	1.679.590	5.063.501	783.385
Norte	272.246	432.451	44.290	130.180	414.779	55.724
Nordeste	586.314	905.084	96.816	368.543	1.214.081	171.929
Sudeste	1.499.595	2.149.448	277.991	771.777	2.230.765	374.839
Sul	652.247	998.364	123.117	245.354	741.394	110.141
Centro-Oeste	302.294	425.152	48.568	163.736	462.482	70.752

Fonte: INEP (2025 – adaptado pelo autor).

Torna-se inegável acrescer que a expansão das vagas, de forma abrupta, pela EaD também é resultado da própria forma no qual se estrutura a relação ensino-aprendizagem para além da dependência-facilitação das novas tecnologias, pois a mesma se assegura na tutorização do magistério que, para além de um trabalho semipresencial ou *home office*, se consagra pelos baixos salários, o estranhamento controlado pelas plataformas virtuais, pela redefinição da relação com os-as alunos-as de modo interessado às avaliações de forma constante, e pela sobrecarga de trabalho em virtude do quantitativo de alunos (Aroni, 2012) e vagas do modelo liofilizado. Fato que permeia tanto o bacharelado – este com menor intensidade –, quanto a licenciatura em Geografia, nas esferas públicas e privadas – vide o exposto nas Tabela 2 e 3. Além disso, a própria relação entre candidato-vaga não incide diretamente um prejuízo material para a IES na modalidade à distância, pois não se consome o custo para a concreção do curso como na presencialidade.

Entretanto, a retração das matrículas, como observado em relação aos cursos de Geografia, são sentidas com maior profundidade no âmbito presencial, ascendendo a própria questão sobre a redução destes ao longo da última década no mesmo momento de ascensão contínua das licenciaturas e da estabilização das IES para a formação do bacharel em Geografia. Em outros termos, a ociosidade na EaD é uma questão de menor proporção que pode ser verificada no total de ingressantes. Portanto, a

tendência não se acama somente na ciência geográfica, mas em parte considerável do Ensino Superior no Brasil em virtude da conjuntura no qual se redefine as estratégias para a reprodução social e material da classe trabalhadora e, por conseguinte, do alunado em si.

Em última análise, o cenário exposto por meio dos dados do INEP (2025), indissociável das tendências conjunturais, revela que a formação superior em Geografia passa por uma transição paradigmática. Ou uma travessia da presencialidade para a EaD. Ao mesmo tempo, o fenômeno do “apagão docente” projetado pelo SEMESP (2022) não é uma fatalidade de todo tipo, mas resulta de uma escolha política de transferência intencional dos discentes para o setor privado, fortalecido pelas últimas políticas públicas para o ingresso no Ensino Superior como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI). Portanto, enquanto as IES públicas resistem como espaço da formação presencial, o que não desloca suas iniciativas para o incremento da modalidade à distância, o setor privado se converteu para a retração dos custos seguindo uma lógica óbvia principalmente sobre as licenciaturas. Em relação à nossa ciência, essa mutação pode acarretar em prejuízos devido às peculiaridades da formação, principalmente nas premissas epistemológicas para a relação entre a sociedade e natureza em suas peculiaridades empíricas.

REFERÊNCIAS

- Antunes, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. **Serviço Social & Sociedade**, p. 405-419, 2011.
- Aroni, Rafael. O formato neofordista e infotaylorista da educação a distância: a tutoria e a degradação da profissão docente. Seminário de saúde do trabalhador (em continuidade ao VII Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca), **Anais**. v. 8, 2012.
- Borges, Gustavo da Rosa et al. A Relação entre o Perfil dos Alunos que Cursam EAD e os Motivos de Escolha desta Modalidade. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 14, n. 3, p. 80-101, 2016.
- Brasil. Presidência da República. **Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017**. Brasília, DF. Presidência da República, 2017. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9235.htm>. Acesso em: 12 de mai. De 2025.
- Brasil. Ministério do Planejamento. **Painel do Orçamento Federal**. Brasília, DF: Ministério do Planejamento, 2025. Disponível em: < https://www1.siop.planejamento.gov.br/QvAJAXZfc/open_doc.htm?document=IAS%2FExecucao_Orcamentaria.qvw&host=QVS%40pqlk04&anonymous=true&sheet=SH06>. Acesso em: 12 de mai. De 2025.
- INEP. **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior – 2023**. DF: INEP, 2024. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2023/resumo_tec_nic_o_do_censo_da_educacao_superior_2023.pdf>. Acesso em: 12 de mai. de 2025.
- INEP. **Censo Escolar – 2010-2023**. DF: INEP, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>>. Acesso em: 12 de mai. de 2025.
- SEMESP. **Risco de “apagão” de professores no Brasil**. São Paulo: SEMESP, 2022. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2025.

TCU. **Desempenho da economia brasileira** – exercício de 2015. Brasília, DF: TCU, 2016. Disponível em: <https://sites.tcu.gov.br/contas-do-governo-2015/3_Desempenho%20da%20Economia%20Brasileira_FINAL.pdf>. Acesso em: 10 de mai. de 2025.